

RINCK, Fanny; BOCH, Françoise; ASSIS, Juliana Alves (Org.). **Letramento e formação universitária**: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. (Série Ideias Sobre Linguagem).

Sibely Oliveira Silva*
Érika Dourado Amorelli**

Recebido em: 07/07/2017
Aceito em: 04/12/2017

* Doutoranda (bolsista CNPq) em Língua Portuguesa e Linguística no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

** Mestranda (bolsista Fapemig) em Língua Portuguesa e Linguística no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita, título que traduz de forma coesa a grande temática que perpassa o livro. Seguem-se à *Apresentação* dezesseis capítulos, distribuídos em 506 páginas, que reúnem um expressivo conjunto de pesquisas de grande relevância no cenário internacional, nos quais os autores abordam o letramento acadêmico e a formação universitária de diferentes níveis e áreas do conhecimento. Louva-se, a esse respeito, o trabalho de tradução para o português da grande maioria dos textos, selecionados de forma a dar visibilidade às frentes de pesquisa sobre a escrita acadêmica, sobretudo em solo francês.

O livro, organizado por Fanny Rinck, Françoise Boch e Juliana Alves Assis, publicado no Brasil pela Editora Mercado de Letras em 2015, discute, de forma densa e consistente, os temas que aborda, ao mesmo tempo em que, de um lado, revela um percurso de forte investimento nas pesquisas reunidas e, de outro, reafirma a importância da temática nele explorada e o quão fértil de discussão é o terreno dos letramentos acadêmicos.

Dentre a gama de contribuições que oferece aos estudos do campo, a obra inova, entre outros aspectos, ao apresentar sua abordagem da escrita acadêmico-científica de uma perspectiva discursiva. Põe em questão, por exemplo, nuançando uma contundente crítica, as concepções sedimentadas em manuais metodológicos utilizados e referendados, no *métier* universitário, em relação ao uso do recurso da citação, na produção de textos acadêmico-científicos. Tematiza a necessidade de uma “forçosa” problematização, numa perspectiva mais atual, da concepção por vezes cristalizada a respeito da padronização de um estilo científico universal, nas várias áreas do conhecimento e diferentes campos de pesquisa, além de dar fôlego ao debate acerca da importância da didática da escrita no ensino superior.

A *Apresentação* incita o leitor a enveredar pelos caminhos e múltiplas direções do livro, ao deixar entrever que o protagonismo das discussões se (re)atualiza a cada novo capítulo, anunciando, assim, um promissor e rico panorama de discussão em torno da temática do letramento acadêmico e da formação universitária.

O capítulo de abertura do livro, *Meio século de didática da escrita nos países francófonos: balanço e perspectivas*, de Jean-Paul Bronckart, vem reiterar e dimensionar a relevância dos trabalhos da tradição francófona tributada à didática da escrita, ou, como o autor ressalta, à didática da língua materna, delineando, num primeiro momento, um percurso histórico da emergência das diferentes ancoragens teóricas e perspectivas de pesquisa que nortearam esses estudos nos últimos anos.

Em um segundo momento, o autor presta contribuições importantes à discussão ao apontar os desafios que se encontram, atualmente, no horizonte dos estudos da didática da escrita, relacionando-os a três problemáticas: a aproximação entre as diversas tendências nesse domínio; a primazia dos objetivos práticos na formação dos alunos; a articulação entre os objetivos praxeológicos e os epistêmicos nos dispositivos adotados no processo de formação de professores de línguas.

O capítulo seguinte, intitulado *Análise linguística dos desafios de conhecimento no discurso científico: um panorama*, assinado por Fanny Rinck, propõe-se a explorar a pergunta: “De que forma as análises linguísticas do discurso científico podem esclarecer a atividade científica e seus desafios de conhecimento?” (p. 57), à luz de alguns trabalhos circunscritos aos estudos da linguística. Nele, a autora discute como a atividade científica se constrói por meio de seus discursos, destacando a importância de o discurso científico ser pensado sob o matiz da pluralidade dos distintos campos de pesquisa e das diferentes disciplinas, as quais, na visão da pesquisadora, se constituem em comunidades discursivas diferentes, orientadas por coerções epistemológicas que pressupõem um fazer científico não homogêneo, e por formas de pensar e construir saberes também diferentes.

O terceiro capítulo, *Por que e como as coisas mudam? Padronização e variação no campo do discurso científico*, de autoria de Francis Grossmann, estabelece um diálogo estreito com o capítulo anterior ao, também, problematizar a padronização dos discursos científicos. O autor se propõe a interrogar, por exemplo, a ideia de um estilo científico universal e, para isso, lança luzes sobre a influência das diferenças disciplinares e metodológicas nas formas de escrita científica. Tematizando a variação no campo do discurso científico, Grossmann acentua a necessidade de se considerar a própria variação interna das disciplinas e sua variação histórica, sinalizando para o leitor a importância de se pensar o peso das instituições e do jogo de influências entre as disciplinas – questão que reivindica atenção especial no meio acadêmico-científico.

Em *Neste artigo, desejamos mostrar que... Léxico verbal e posicionamento do autor nos artigos de ciências humanas*, assinado por Agnès Tutin, a autora vem (re)atualizar a discussão sobre uma temática nem sempre vista de forma pacífica na comunidade acadêmica, ao problematizar e desmistificar a “tradicional” ideia de que os escritos científicos devem ser sempre considerados como textos “neutros”, com um forte apagamento enunciativo da figura do autor.

Além de demonstrar a presença autoral e a forma como linguisticamente o engajamento/posicionamento do autor se realizam, explorando, precisamente, introduções e conclusões de um *corpus* constituído de 60 artigos, em sua pesquisa, que compara três disciplinas das ciências humanas e sociais – a linguística, a psicologia e as ciências da educação –, a pesquisadora também defende a variação da presença autoral em diferentes domínios disciplinares.

O capítulo cinco, *Formas diversas de articulação entre o discurso de outrem e o discurso próprio: análises de comentários de textos teóricos*, de Isabelle Delcambre, anuncia uma contribuição para a didática da escrita no *métier* acadêmico. Reconhecendo a articulação com/entre o discurso de outrem como um valor caro às práticas da escrita teórica do gênero dissertação e, a um só tempo, como uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos estudantes na esfera acadêmica, a autora discute os resultados obtidos a partir da utilização de um dispositivo de escritura por ela adotado, em uma unidade de ensino de *licence*.¹ Sobre esse dispositivo repousa um olhar diferenciado em relação às estratégias de escrita a que recorrem os estudantes e às concepções espontâneas do que venha a ser um comentário teórico articulando discursos de estatutos diferentes. O trabalho em questão seguramente reacende a necessária e importante reflexão sobre o papel da universidade na superação das dificuldades dos alunos em relação à escrita teórica e/ou de pesquisa.

O capítulo *Eu sou como um outro que duvida: o discurso dos outros na escrita de pesquisa em formação*, de Yves Reuter, aborda de maneira pontual alguns dos problemas e tensões recorrentemente vivenciados por estudantes, jovens pesquisadores (clivados de dúvidas e por elas obliterados), relacionados às práticas da escrita de pesquisa de gêneros circunscritos ao discurso teórico, como memoriais de *maîtrise*,² dissertações e teses. O autor situa esses problemas em duas dimensões – o estatuto do discurso de outrem e os modos e as formas que ganham esse discurso nos textos de pesquisa produzidos pelos estudantes –, as quais propiciam importantes reflexões e hipóteses. Na percepção de Reuter, o discurso teórico e/ou de pesquisa parece ser de fato um “discurso do outro” para esses alunos, dado o distanciamento pujante que se instaura na relação comumente construída entre o discurso dos jovens pesquisadores e os discursos teóricos de que se valem e com os quais se espera que dialoguem, apropriando-se deles, com êxito, no *métier* acadêmico.

1 Primeiro diploma do sistema francês de ensino superior, obtido após seis semestres de estudos superiores completos.

2 Na França, diploma intermediário entre a *licence* e o *master recherche* (mestrado).

Discurso de outrem e letramentos universitários, de Isabelle Delcambre e Dominique Lahanier-Reuter, na esteira da discussão do capítulo anterior, com ele se articula em um diálogo confluyente. Nesse texto, as autoras centralizam a discussão em torno das dificuldades que os estudantes demonstram em relação à aculturação da escrita acadêmico-científica, cuja exigência supõe que eles sejam capazes de construir em seus textos relações articuladas entre seu próprio discurso e aquele que tomam de outras fontes. Na contextualização do trabalho, as autoras discorrem sobre as contribuições de alguns dos principais estudos que já se voltaram para a questão, tanto sob a lente da didática do francês quanto da perspectiva linguística. Em seguida, apresentam os resultados de uma pesquisa, realizada a partir de um questionário aplicado a alunos de ciências humanas, sobre as práticas de escrita na universidade, em suas diferentes dimensões. São destacadas as dimensões contextuais, sociais e culturais que envolvem as práticas de leitura e de escrita no ensino superior.

Em *De nobis ipsis silemus? As marcas de pessoa no artigo científico*, Ursula Reutner põe em questão a discussão sobre algumas velhas e cristalizadas crenças e concepções que circundam o discurso científico, relativamente à ideia das “necessárias” marcas de impessoalidade e objetividade/neutralidade. Contrapondo-se à concepção de que a cientificidade do discurso é legitimada pela ausência da marca do “eu” e de que a identidade do autor seria irrelevante para os resultados da pesquisa acadêmica, a autora atribui à questão o *status* de “tabu” na comunidade científica. Apontando alguns estudos já realizados sobre o tema, Reutner dispensa especial atenção às mudanças de perspectiva e/ou de concepções que vêm dando visibilidade à ruptura ou transgressão desse “tabu”, sem perder de vista a existência de certas injunções na comunidade científica.

Já o capítulo *Sobre o uso de citações no discurso teórico: de constatações a proposições didáticas*, escrito por Françoise Boch e Francis Grossmann, distanciando-se das concepções comumente atribuídas ao uso da citação, na esfera acadêmica, convoca o leitor a refletir e a repensar a citação, numa perspectiva discursiva, compreendida como um importante recurso no processo de tomada de consciência e de posicionamento autoral dos estudantes, os quais, segundo a pesquisa apresentada pelos autores, demonstram dificuldades no gerenciamento da polifonia, na “orquestração de vozes” e na construção da intertextualidade na produção de seus textos acadêmico-científicos.

O ápice da discussão está na crítica dos franceses no que concerne ao discurso normativo que trata da citação, ao analisarem manuais metodológicos utilizados e referendados no meio acadêmico. Segundo argumentos dos pesquisadores, esses guias não levam em consideração os gêneros dos textos nem as particularidades das diferentes disciplinas, abordando de forma engessada o uso das “citações”, reduzindo a sua dimensão criativa e funcional nos textos de estudantes universitários, especialmente, dos recém-ingressos na graduação. Considerando, de outro lado, a citação como recurso que recobre múltiplas operações de ordem linguístico-textual, enunciativa e discursiva mobilizadas pelo sujeito frente ao discurso de outrem, de grande valor nas práticas da escrita acadêmica, Boch e Grossmann apresentam significativas contribuições/proposições didáticas para o trabalho com a citação no ambiente universitário.

No 10º capítulo, *Evolução das práticas e dos discursos sobre a escrita na universidade: estudo de caso*, Christiane Donahue propõe reflexões em torno do domínio da escrita científica vinculadas aos percursos dos alunos na universidade, mais precisamente às suas evoluções na apropriação e produção/construção dos saberes (disciplinares e transversais), por meio do “bom uso da escrita”, classificada, no texto, como “*expertise* discursiva”. Para tanto, a autora oferece dados de um levantamento de pesquisa ainda pouco explorado na área dos letramentos acadêmicos, no que se refere à evolução dessa *expertise*, na perspectiva dos estudos longitudinais, cujo questionamento basilar reivindica respostas a duas perguntas: “como evolui a *expertise* discursiva em sua relação com os saberes transversais e disciplinares e como evolui a consciência que têm dessas relações os estudantes?” (p. 310).

Donahue elabora reflexões sobre a forte influência das disciplinas e dos gêneros do discurso, que nestas transitam, no desenvolvimento da *expertise* discursiva dos alunos, pois, a seu ver, a imersão na cultura disciplinar é diretamente correlata ao desempenho dos estudantes na escrita. O estudo de caso que apresenta configurou-se a partir de recorte extraído de um vasto *corpus* de amostras textuais (escritos formais, informais, rascunhos, provas, escrita criativa, relatórios de estágio, textos científicos, etc.) e de entrevistas de três alunos universitários coletadas ao longo de quatro anos de seus cursos de graduação, cuja análise se apoia em duas séries de textos classificados como de “análise” e “pesquisa”. Neles, foram observados aspectos semelhantes e divergentes em torno da intertextualidade, argumentação, organização, posicionamento do sujeito e ortografia/sintaxe. Além disso, a autora

também discorre sobre o modelo de educação superior das escolas americanas, que tem seu pilar respaldado em uma formação diversificada dos saberes, caracterizados como transversais.

No capítulo intitulado *O ethos autoatribuído de autores (alunos doutorandos) no discurso científico*, as norueguesas Kjersti Flottum e Eva Thue Vold dedicam-se a apresentar a importante pesquisa por elas realizada sobre a construção do *ethos* autoatribuído em artigos científicos escritos por jovens pesquisadores franceses (doutorandos), reconhecendo, nesse gênero, o seu caráter retórico, refratado por visadas persuasivas e interacionais bem como informativas. Assim, a análise dos dados baseou-se na concepção de *ethos* como imagem de si projetada pelo autor.

“Em que medida observam-se diferenças entre pesquisadores consagrados e pesquisadores aprendizes no que diz respeito ao *ethos* construído na sua escrita e em que consiste estas diferenças?” (p. 345). Procurando responder a essa pergunta, os autores compararam os artigos científicos produzidos e publicados por doutorandos da área da linguística com os de pesquisadores consagrados, em textos publicados em revistas científicas renomadas. O caminho encontrado pelos pesquisadores em seu investimento de pesquisa foi o de analisar, nos textos explorados, as marcas da presença do autor sob a tônica de que existem diferentes manifestações de tal figura, que se fazem representar, por exemplo, através de um feixe de marcas linguísticas.

O capítulo *Autorreformulação e investimento do escritor: resumos e quartas capas de dissertações de mestrado*, de Isabelle Laborde-Milaa, nuança uma abordagem do trabalho com os gêneros resumo e quarta capa, no processo de aprendizagem/construção textual da dissertação, ao realçar a importância das operações implicadas nesses gêneros, a exemplo da emergência do posicionamento que assume o escritor com relação à sua dissertação, já concebida como um objeto acabado – o que exige uma autorreformulação, ou seja, um segundo olhar desse sujeito sobre a atividade de textualização realizada na dissertação, bem como sobre os raciocínios nela desenvolvidos. Laborde-Milaa considera, assim, que essas produções requerem dos jovens escritores estratégias para a construção dos textos, para além de uma dimensão metadiscursiva e enunciativa.

Reportando à escrita reflexiva de alunos mestrados franceses do curso de Letras Modernas Aplicadas, especialização em informação e comunicação, o capítulo apresenta o passo a passo do processo, em que os estudantes são orientados a revisitarem suas dissertações, durante a sua finalização, a fim de

reelaborarem novos textos, sob a perspectiva e coerções de gêneros de natureza diferentes: como o resumo, pertencente aos gêneros acadêmicos de pesquisa, e a quarta capa da publicação, que requer uma produção editorial específica com foco na publicidade. Laborde-Milaa destaca ainda as estratégias, os desafios e a saga dos estudantes escritores para divulgarem o trabalho exitoso de suas dissertações de mestrado.

Discutir, elencar e analisar esses artificios, agenciados em artigos escritos em hebraico, é o propósito do estudo que se apresenta no capítulo “*Impessoalidade e metáforas gramaticais no discurso científico: a perspectiva retórica*”, produzido por Zohar Livnat.

A pesquisadora israelense apresenta pesquisa, inscrita na área das Ciências Sociais, cuja tônica se volta à observação de algumas das construções linguísticas inerentes à criação de um tom impessoal no discurso científico em hebraico, sob um olhar da perspectiva retórica. Após um ano de exploração e análise do *corpus*, constituído de 30 artigos científicos, Livnat mostra como determinadas construções linguísticas, a exemplo do uso da voz passiva, de metáforas gramaticais e de metonímias, podem promover a impessoalidade nos textos científicos. A autora diagnosticou que, nos textos, tais estratégias se prestam a construir uma “objetividade retórica” bem como auxiliam a realçar o *ethos* do pesquisador como imparcial e confiável.

O capítulo *Eu sei mas não consigo colocar no papel aquilo que eu sei: representações sobre os textos acadêmico-científicos* é de autoria da pesquisadora brasileira Juliana Alves Assis e anuncia, já no tom de seu título, a importância e a necessidade premente de se dar atenção singular, no processo de didatização da escrita acadêmico-científica, às representações que guardam os estudantes sobre os objetos de estudo e sobre a escrita na universidade, seus processos de construção e transformação dos saberes bem como os conflitos por eles vivenciados, especialmente durante os primeiros anos de graduação. Assumindo essa posição, e admitindo a existência de mudanças de perspectiva em relação ao modo como a universidade vem significando, ao longo dos anos, tais representações dos alunos, a autora dá lugar especial à teoria das representações sociais em seu investimento de pesquisa, vendo nela um aporte significativo à compreensão de alguns dos “nós” que entrelaçam o processo de ensino/aprendizagem. Em sua discussão, Assis integra reflexões a respeito de parte dos resultados obtidos com a pesquisa desenvolvida no âmbito de um curso de Letras de universidade brasileira, ao longo de um semestre, sobre o processo de inserção de estudantes em formação inicial (1º, 2º e 3º períodos), na escrita acadêmico-científica.

Dentre as considerações por ela aportadas, merece acento a ênfase dada à necessidade de que essas representações sejam observadas em seus contextos de emergência, o que pode informar sobre o processo de ensino/aprendizagem em questão e possibilitar (re)construções dos saberes e de ações tanto por parte dos estudantes quanto dos formadores.

O 15º capítulo, “*Por uma formação linguística para os textos profissionais*”, produzido por Fanny Rinck e Frédérique Sitri, questiona o lugar da universidade na formação das competências de escrita exigidas para o mundo profissional, sob o desafio de transcender o discurso normativo estribado em uma concepção tecnicista a respeito das produções escritas e das competências redacionais a ela vinculadas. Confrontados com tal desafio e recorrendo, especialmente, aos aportes teóricos oferecidos pela Análise do Discurso, as autoras são levadas a refletir sobre o alcance das práticas de escrita acadêmica na formação para as práticas de escrita profissionais e também sobre em que medida a universidade pode articular/integrar a escrita profissional em suas práticas de formação. A análise é realizada com base na exploração do levantamento de dados referentes à escrita de textos dos gêneros relatório, cartaz e *e-mail*.

O texto de fechamento do livro, *O ensino dos usos letrados nos currículos universitários: um objeto para a Análise do Discurso*, assinado por Pascale Delormas, promove reflexões inerentes à didatização dos gêneros do discurso e suas implicações nas competências relacionadas às práticas sociais e discursivas da escrita e os letramentos a eles relacionados. Para o estudo, realizado em diferentes níveis de formação, foram eleitos os gêneros portfólio, dado o entendimento de que este está estreitamente ligado à escrita reflexiva, e a resenha acadêmica, considerando-se que esse gênero requer competências importantes relacionadas aos expedientes de reformulação.

Além de discutir os resultados da pesquisa, apontando as maiores dificuldades demonstradas pelos estudantes no universo formativo do ensino francófono, a pesquisadora apresenta uma crítica à formação dos professores no país, que, na sua visão, desde 2010, condiciona-os a seguirem um ensino profissionalizante, que, inclusive, não confere um expressivo valor à produção de uma escrita reflexiva e argumentativa no processo de formação.

Os caminhos e diferentes lentes que iluminam o curso das discussões e a natureza das pesquisas delineadas em *Letramento e formação universitária: formar para escrita e pela escrita*, revelam, sem dúvida, a preocupação dos pesquisadores

tanto em alimentar o debate sobre a temática do letramento acadêmico – campo de estudo cada vez mais explorado internacionalmente – quanto em contribuir para as práticas e ações de formação no ensino superior, considerando-se as variadas injunções aí presentes.

Por tudo isso, o concerto das discussões orquestrado pelas vozes dos diferentes e renomados autores/pesquisadores presentes no livro faz ecoar a possibilidade de múltiplos novos diálogos e de novas pesquisas a serem (re)atualizados e (re) significados com o olhar do leitor, interessado nos estudos do campo, seja ele o professor universitário, seja o estudante, seja ainda o pesquisador que toma a escrita como objeto.